

AS FENDAS DA SOCIEDADE: DESIGUALDADE ÉTNICA E DE GÊNERO

Bruna Marcela¹
Eduardo Meneghim¹
Kamila Alexandre¹
Múcio Brandão¹
Paulo Ricardo¹
Yanne Xavier¹
Euli Necca Steffen²

INTRODUÇÃO

Desigualdade é um problema social presente desde o início das civilizações e pode ser definida como contrário de igualdade, onde não há equilíbrio entre duas ou mais pessoas de um determinado grupo. Representa as hierarquias sociais que determinam o grupo pertencente e a qual classe o indivíduo fará parte.

Portanto, dentro de uma sociedade é possível observar diversos tipos de desigualdades, que podem ser designados de acordo com o grupo pertencente, como as desigualdades étnicas, econômicas, sociais e de gênero.

A desigualdade étnica pressupõe o debate sobre o lugar que os negros ocupam na sociedade, sendo estes vistos como inferiores e ocupando a base da pirâmide social e econômica no nosso país, resultado do histórico de colonização e escravidão. Interfere na qualidade e nas oportunidades de escolaridade e profissão do cidadão sujeito à essa condição imposta.

Já a desigualdade de gênero é fruto da herança cultural do patriarcalismo no qual o poder está concentrado na personalidade masculina e do patriarca. Tendo a ideia da figura feminina como submissa, esse pensamento interfere não somente nos relacionamentos amorosos, mas também no papel da mulher na sociedade, onde, exercendo uma mesma função, é menos remunerada.

Nosso projeto foi dividido em duas etapas. Na primeira fora realizada uma pesquisa com todas as turmas do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal Catarinense - Campus Blumenau, para a qual elaboramos um questionário com cinco perguntas objetivas sobre as questões de gênero e etnia. Com os dados coletados na pesquisa, elaboramos gráficos informativos. Após isso, trouxemos o projeto “Nem Tão Doce Lar”, uma exposição interativa e itinerante sobre a violência

¹Alunos do Instituto Federal Catarinense; projetoite.desi@gmail.com

² Professora Orientadora (Sociologia); Instituto Federal Catarinense; euli.steffen@ifc.edu.br

doméstica, onde realizamos palestras sobre o tema do projeto em conjunto com a respectiva exposição.

O fato da desigualdade estar presente desde o surgimento da civilização torna o termo muito popular, mas que ao mesmo tempo é pouco abordado. Sabendo disso, trouxemos ao ambiente escolar, espaço de troca de informação e discussão, onde as pessoas podem aprender e expor suas opiniões e vivências com a liberdade de expressão garantida. O conhecimento sobre o assunto pode tornar a convivência coletiva mais harmoniosa e empática.

MATERIAL E MÉTODOS

Dentro do Instituto Federal Catarinense – Campus Blumenau, foi executada uma pesquisa quantitativa através da coleta de dados que mais tarde se tornaram gráficos para melhor análise do entendimento do público acerca do tema desigualdade. Posteriormente, levamos a exposição “Nem Tão Doce Lar”, abordando o tema violência doméstica, para o Instituto Federal através da FLD (Fundação Luterana De Diaconia). Para podermos acolher os visitantes na exposição, foi necessário participar de um treinamento na Comunidade Evangélica Luterana Centro, em Blumenau, junto com demais inscritos que também organizaram a exposição em outros locais da cidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exposição Nem Tão Doce Lar é uma exposição itinerante e interativa que funciona como uma casa típica brasileira. É constituída e baseada nas características regionais de cada local onde ocorre a exposição. Em Blumenau, a casa teve aspectos catarinenses de um quarto infantil, de uma sala, uma cozinha e o de um quarto de casal. Nestes quatro cômodos são colocadas tarjetas e objetos comuns de uso doméstico que representam como a violência dentro de casa pode estar oculta e como a mesma é praticada. Disponibilizamos, com a ajuda dos organizadores do evento, cartões que informam os visitantes sobre os serviços que possam eventualmente recorrer em caso de pedido de ajuda ou de denúncia e ainda esclarece sobre os tipos de violências existentes, como a violência física, sexual, psicológica, moral e patrimonial.

Criada na Alemanha e trazida ao Brasil pela FLD, a casa tem a finalidade de popularizar o debate sobre a violência doméstica e familiar, na perspectiva da efetivação das políticas públicas, constituição de redes de apoio e empoderamento de grupos de mulheres. Tem também como objetivo ajudar as vítimas a se protegerem e/ou se prevenirem de futuros abusos.

Portanto, concluímos com este trabalho que os 276 visitantes puderam desfrutar de uma exposição física, interagir com o ambiente por meio de diálogos com os acolhedores e com o material exposto retratando as situações possíveis de violência dentro de uma casa. Também tiveram a oportunidade de levar para uso pessoal, informativos sobre serviços disponíveis em Blumenau para atendimento de todos que se encontram em situação de violência ou para quem queira efetuar uma denúncia anônima.



De acordo com os materiais coletados sobre a pesquisa de opiniões, foram produzidos gráficos que constatarem dados concretos sobre as pesquisas realizadas com 100 jovens (50% do sexo masculino e 50% do sexo feminino), a respeito da visão do conceito de machismo e feminismo, etnia, política de cotas raciais nas escolas, e sua eficiência de cada um. Estas perguntas tinham como opções: sim, não ou parcialmente, com exceção a questão que tratava da etnia, que tinham como possibilidade de resposta: branco, preto, pardo, indígena, amarelo e outro.

Nossa pesquisa demonstrou uma significativa diferença de opinião entre os sexos sobre o quesito da prática do machismo entre os jovens hoje em dia. Os resultados foram alarmantes em consideração à opinião dos alunos sobre a pergunta “O machismo ainda é uma prática presente entre os jovens?”, enquanto 68% do sexo feminino responde a pergunta com sim e 30% responde parcialmente, o sexo masculino responde com 32% sim e 56% responde parcialmente.

O machismo ainda é uma prática presente entre os jovens?

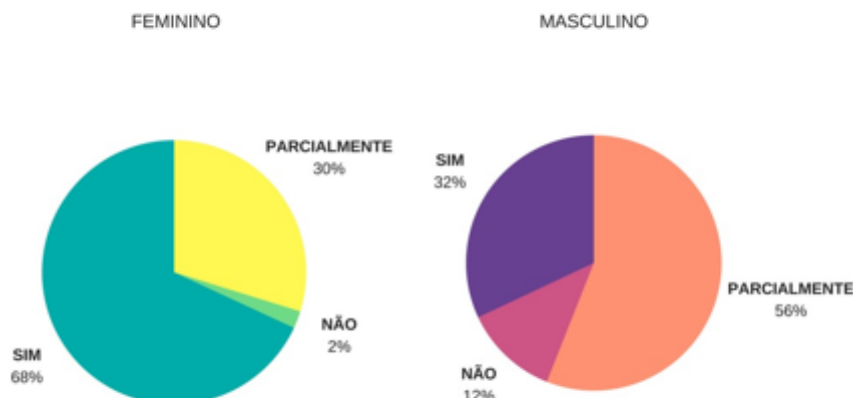


Figura 1: Gráfico de acordo como a resposta dos alunos do IFC - Campus Blumenau, sobre a prática do machismo

Você concorda com a política de cotas raciais na educação?

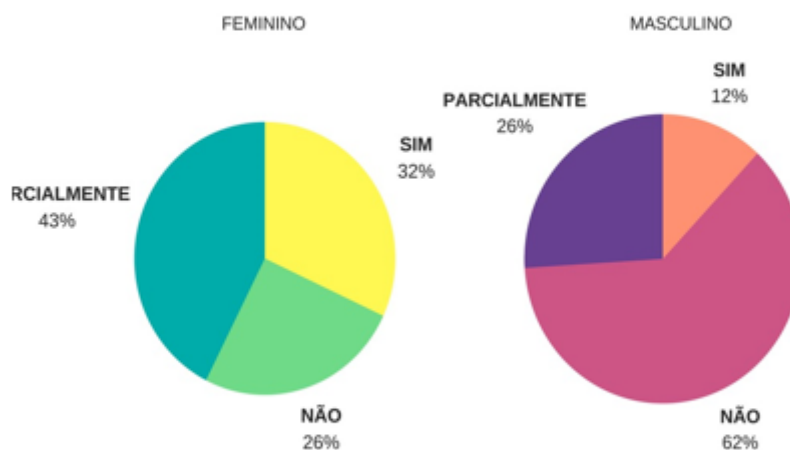


Figura 2: Gráfico de acordo com a resposta dos alunos do IFC - Campus Blumenau, sobre a política de cotas raciais

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com ajuda da FLD (Fundação Luterana de Diaconia), que além do Nem Tão doce Lar engloba uma série de projetos sociais, participamos de um curso preparatório para acolhedores do Nem Tão Doce Lar que ocorreu nos dias 02 e 03 de junho de 2017, para então conduzirmos a

exposição no Instituto Federal Catarinense – Campus Blumenau entre os dias 28/29 de junho de 2017. Atendemos nestes 2 dias um público de 276 pessoas, dentre elas alunos, funcionários e visitantes que vieram de fora conhecer a instituição, para as quais explicamos cada espaço da casa e as tarjetas informativas que fazem parte do cenário montado.

Levando em conta o que foi observado, entendemos que é indispensável a conscientização de todos quanto ao assunto da violência presenciada atualmente, principalmente pelo fato de que poucas cidades brasileiras têm uma boa estrutura de apoio às vítimas. O cenário montado é surpreendente e realista, pois mostra como é a vida de pessoas que vivem em um ambiente agressivo e instável, o que para alguns é simplesmente uma casa típica brasileira, para outros pode ser um cenário de tortura física e psicológica. Dificilmente é perceptível quando alguém a nossa volta está com esse tipo de problema, mas quando há a consciência de que alguma coisa está errada, devemos ajudá-las e aconselhá-las da melhor forma, fazendo a denúncia e tratando com profissionais capacitados.

Durante o tempo de exposição ao público, pudemos ouvir relatos de quem já sofreu e de pessoas que ainda sofrem com esse tipo de abuso. Se todos tivessem consciência desses casos, a sociedade veria de uma forma totalmente diferente os abusos que ocorrem dentro de quatro paredes, pois o perigo pode estar dentro de nossa casa, que para quem não vive em um lar assim parece ser segura. Onde de 4.762 mulheres assassinadas em 2015, 50,3% dos crimes foram cometidos por familiares.

Após a finalização do trabalho, percebemos que esse é um tema bastante abrangente e complexo, que infelizmente esse problema existe e que parece ser impossível de reparar. Mesmo assim, não é levantado e discutido nas escolas e mídias com a devida importância e relevância. Por isso, devemos dar mais ênfase ao assunto e buscar meios diversos de conscientizar e ajudar pessoas nessa situação a seguirem firmes e se verem livres deste mal que está mais perto do que imaginamos de nossa realidade.